



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FACS)
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

**Migração feminina no Pará: motivações e experiências de mulheres do Marajó em
Belém**

Bárbara Bioche de Almeida

Belém-PA

2026

Bárbara Bioche de Almeida

Migração feminina no Pará: motivações e experiências de mulheres do Marajó em Belém

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a orientação da Prof. Dra. Nelissa Peralta Bezerra, como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

Belém-PA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A447m Almeida, Barbara Bioche de.
Migração feminina no Pará : motivações e experiências de
mulheres do Marajó em Belém / Barbara Bioche de Almeida. —
2026.
30 f.
- Orientador(a): Prof^ª. Dra. Nelissa Peralta Bezerra
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Ciências
Sociais, Belém, 2026.
1. Migração Feminina. 2. Fluxo migratório Marajó-Belém.
3. Trabalho doméstico e migração. 4. Superexploração do
trabalho. I. Título.

CDD 301.326

Bárbara Bioche de Almeida

Migração feminina no Pará: motivações e experiências de mulheres do Marajó em Belém

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

Aprovado em, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Nelissa Peralta Bezerra
Orientadora - UFPA

Profª Drª Andréa Bittencourt Pires Chaves
Membro da Banca - UFPA

Profª Drª Barbara Lou da Costa Veloso Dias
Membro da Banca - UFPA

Belém-PA

2026

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, por serem meu refúgio e me darem forças todos os dias, especialmente durante esses anos de graduação. Por permitir a realização desse sonho, por terem me iluminado durante esse percurso e me ensinarem a acreditar em mim e me tornar quem sou hoje.

Agradeço especialmente aos meus pais, Edinamar Bioche e Elias Almeida, por me incentivarem a estudar e a correr atrás desse sonho. Por terem feito o possível e o impossível pra que eu pudesse realizá-lo. Obrigada por estarem comigo e por se fazerem o impossível para que eu pudesse chegar até aqui. Muito obrigada por tudo. Amo muito vocês.

Aos meus familiares, mas especialmente à minha avó dona Sebastiana, por todo o incentivo e apoio sempre, obrigada por se importar. Te amo vó.

Às minhas irmãs, Sthephanny e Paola, por serem minha maior inspiração. Por me inspirarem a seguir esse sonho e estarem do meu lado sempre. Obrigada por me apoiarem, me incentivarem e rirem comigo. Vocês são uma parte muito importante disso. Amo muito vocês.

Aos meus amigos, Irla, Fernanda, Deise e Gabriel, esses anos com vocês foram os melhores da minha vida. Obrigada por estarem do meu lado, apoiando, incentivando, ouvindo minhas reclamações e por estarem presente em todos os momentos nos últimos quatro anos. Obrigada por todas as risadas, todos os choros, todos os momentos de reflexão e por me ajudarem a crescer como pessoa. Vocês foram essenciais durante esse processo. Amo muito todos vocês.

Às minhas entrevistadas, minha madrinha Edina Maria Ferreira, Camila Nogueira Pamplona, Célia Maria Carvalho Nogueira, Sônia Maria Nogueira Ramos e minha mãe Edinamar dos Santos Bioche. Sem vocês esse trabalho não seria possível, obrigada por confiarem em mim para contar suas histórias, seus sentimentos e tudo pelo que passaram. Obrigada por sua força e por me ajudarem a construir essa pesquisa. Vocês são uma parte essencial disso, obrigada.

À professora Dra. Nelissa Peralta Bezerra, por acreditar na minha pesquisa, por me orientar e por me incentivar a acreditar em mim durante esse processo. Obrigada por fazer parte da construção da minha carreira como Socióloga e me mostrar os infinitos caminhos que posso seguir. Obrigada, professora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 METODOLOGIA.....	10
3 DA ILHA À CIDADE: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES DO MARAJÓ NA MIGRAÇÃO PARA BELÉM.....	11
3.1 Infância no Marajó.....	11
3.2 A educação como fator central na decisão de se mudar.....	13
4 OS FATORES QUE LEVAM À DECISÃO DE MIGRAR.....	15
5 A MIGRANTE TRABALHADORA DOMÉSTICA.....	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender quais fatores de caráter individuais e estruturais podem influenciar a decisão de migrar. A pesquisa buscou compreender as principais motivações que levaram mulheres marajoaras à tomar a decisão de mudar para Belém. Trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo na análise dos casos abordados e leitura das teorias fundamentais acerca do tema. Foi utilizado o método história de vida para a realização de entrevistas não diretivas com cinco mulheres nascidas no arquipélago do Marajó. Os principais resultados indicam que fatores como as estruturas socioeconômicas, como a falta da possibilidade de continuidade do ensino e questões familiares podem ser fatores condicionantes que influenciam a decisão da mulher marajoara de se mudar para a capital paraense. Foi concluído que a busca por melhores condições de vida é muitas vezes o fator principal para o impulsionamento do fluxo migratório feminino e que a baixa oferta de trabalho na capital faz com que mulheres migrantes se insiram no trabalho doméstico e de cuidado, as expondo à situação de superexploração no ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Migração Feminina; Fluxo migratório Marajó-Belém; Trabalho doméstico e migração; Superexploração do trabalho.

ABSTRACT

This study aimed to understand which individual and structural factors may influence the decision to migrate. The research sought to understand the main motivations that led women from Marajó to decide to move to Belém. This is an empirical study using qualitative methods to analyze the cases addressed and read the fundamental theories on the topic. The Life History method was used to conduct non-directive interviews with five women born in the Marajó archipelago. The main results indicate that factors such as the lack of socioeconomic structures and continuity of education, as well as family issues, may be conditioning factors that influence the decision of Marajoara women to move to the capital of Pará. It was concluded that the search for better living conditions is often the main factor driving female migration and that the low supply of jobs in the capital causes migrant women to enter domestic and care work, exposing them to overexploitation in the workplace.

Keywords: Female Migration; Marajó-Belém Migration Flow; Domestic Work and Migration; Labor Exploitation.

1 INTRODUÇÃO

Segundo estudos realizados pela Organização Mundial das Migrações (OIM), as mulheres representam atualmente 48% das pessoas que migram em todo o mundo. Já no Brasil, esse percentual é de 39% (Assembléia Legislativa de Minas Gerais, 2023). Esse deslocamento é marcado pela perspectiva de gênero, onde mulheres jovens compõem uma parte significativa desses fluxos. No estado do Pará, muitas mulheres da ilha de Marajó migram para Belém ou Macapá e acabam se tornando trabalhadoras domésticas, cuidadoras, catadoras, manicures ou caixas de supermercado; muitas expostas a situações de exploração (Projeto Mulheres Marajoaras em Movimento, 2022; Hazeu, 2011). Esses movimentos populacionais são uma busca por estratégias de sustento (Hazeu, 2011) e melhores condições de vida (Almeida, 2018).

O conceito de migração é cercado de várias dimensões, se estabelece como um fenômeno que não se restringe somente ao deslocamento geográfico, mas é constituído de um processo social complexo podendo transformar tanto o indivíduo quanto seu contexto de origem e destino. A migração é o deslocamento de pessoas de um local para outro, esse movimento pode ser interno, do rural para o urbano, ou internacional. Esse é um fenômeno complexo e multidisciplinar, por envolver tanto decisões individuais quanto estruturas sociais que podem condicionar essa escolha (Peixoto, 2004).

Diferentes abordagens teóricas existem sobre as migrações nos âmbitos micro e macro-sociológicos. Marina Raventós, no texto “Introdução ao Estudo das Migrações” (2014), apresenta elementos básicos de teorias que buscam explicar o fenômeno das migrações e suas possíveis motivações: a “Teoria neoclássica”, “Nova economia das migrações laborais” e também a “Teoria das redes ou Teoria do capital social”.

A teoria neoclássica parte do princípio que a migração é resultado de um cálculo racional do indivíduo, que busca o aumento dos benefícios, em um contexto estrutural no qual outras regiões provêm essas melhorias, sejam elas salariais ou de nível de vida. Apesar de ser considerada simplista pela autora, por focar somente em fatores econômicos, serve de inspiração para outras abordagens, como a “nova economia das migrações laborais”, que apresenta semelhanças, críticas e é vista por alguns autores como um aperfeiçoamento da anterior. Esta teoria, apesar de continuar associando o fenômeno da migração a uma eleição

racional, considera a migração como estratégia familiar para diversificar as fontes de ingressos, de forma a reduzir os riscos econômicos (Raventós, 2014).

A abordagem teórica que aborda o tema por meio da teoria do capital social, explica primeiramente que as redes migratórias são, como indica o conceito de migração, conexão entre pessoas, e essas conexões muitas vezes são vistas como uma forma de capital social (seguindo o conceito popularizado por Pierre Bourdieu), que facilitam a transmissão de informações e ajuda, e acabam se tornando um fator determinante na multiplicação das migrações. A autora apresenta um exemplo claro da importância dos vínculos familiares na migração, seria o caso do reagrupamento familiar. Segundo o conceito de “capital social” de Bourdieu, o capital social é um recurso derivado do pertencimento a uma rede de relações interpessoais (Raventós, 2014).

As teorias que tentam explicar fluxos de migração são várias, muitas relacionadas às demandas do mercado de trabalho, bem como as estratégias familiares referentes a custo-benefício, atreladas a raiz econômica do fenômeno migratório ou as redes sociais, sejam elas fortes ou fracas, que também desempenham um papel relevante na migração. Esses modelos teóricos ajudam a compreender alguns dos aspectos estruturais e familiares que influenciam a tomada de decisões, mas segundo Morales (2010), eles não explicam como as relações de gênero e geracionais vão influenciar a decisão das mulheres, independente de decidirem migrar ou permanecer. O fenômeno da migração feminina no Brasil não pode ser compreendido somente através de dados estatísticos, mas deve ser analisado a partir do contexto histórico, socioeconômico e cultural caracterizado por profundas desigualdades raciais, de classe e de gênero. O movimento migratório não se limita a um deslocamento geográfico, mas constitui uma alternativa de reprodução social e um ato de resistência diante da escassez de oportunidades no território de origem.

A Teoria da Reprodução Social (Vogel, 1983 *apud* Elias, 2024), nos permite compreender as formas como o capitalismo depende estruturalmente da reprodução cotidiana e geracional da força de trabalho, sustentada pelo trabalho das mulheres. A migração feminina também cumpre esse papel de sustentar a reprodução social da força de trabalho urbano, via exploração do trabalho doméstico. A pesquisa sobre esses fluxos migratórios de mulheres pode ajudar a compreender a importância do trabalho reprodutivo e o papel do trabalho doméstico para o funcionamento do capitalismo, bem como de que forma esse trabalho contribui com as formas de opressão da mulher, principalmente no contexto da migração.

No Brasil, a exploração do trabalho reprodutivo das mulheres envolve a questão racial, pois esse trabalho foi historicamente delegado às mulheres negras. Lélia Gonzalez (2020), escreve sobre como o mito da democracia racial exerce sua violência simbólica de forma especial nas mulheres negras. Com a autora podemos analisar a naturalização da associação da mulher negra ao trabalho reprodutivo. Lélia nos ajuda a compreender de que forma as heranças do período escravocrata delegaram o trabalho reprodutivo sobretudo às mulheres negras, estas sendo forçadas a se inserirem em trabalhos domésticos e de cuidado. Trabalho este muitas vezes marcado pela exploração e a desvalorização da mulher. “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (Gonzalez, 2020, p. 71).

O que buscamos neste trabalho é refletir sobre os elementos que influenciam a decisão das mulheres de migrar, analisando o processo tanto através de fatores individuais, como a partir de fatores estruturais. A pesquisa vai caracterizar as motivações que levam mulheres do Arquipélago do Marajó a deixar suas cidades de origem para morar na capital paraense.

O interesse por esse tema surgiu a partir da observação da trajetória de familiares mulheres nascidas no município de Chaves, no Marajó, que migraram da sua cidade natal em busca de trabalho e melhores condições de vida em Belém. A migração feminina é um fenômeno relevante para mim por fazer parte do meu cotidiano - vinda de uma família repleta de mulheres marajoaras, sempre tive o interesse de conhecer as motivações que levaram essas e outras mulheres a deixar seus locais de nascimento para morar na capital paraense. Após analisar relatórios comunitários, percebi que a maioria dos estudos sobre migração na Amazônia aborda o fenômeno de uma forma mais ampla, privilegiando outros recortes, sem aprofundamento na questão de gênero nesse fluxo. Os estudos acerca da migração interna no Brasil, em sua maioria dizem respeito às migrações interestaduais com foco na população que migra em busca de melhoria laboral, principalmente para centros urbanos com maiores investimentos industriais localizados nas regiões sul e sudeste do país. Apesar de haver estudos focados na migração na região norte, poucos focam na mulher marajoara como ator principal dessa decisão, no que diz respeito às migrações na região amazônica e nos diversos fatores que podem influenciar essa escolha. Portanto, a escolha do tema está relacionada também à sua relevância social e acadêmica no campo de estudos acerca da migração interna no Brasil, em um contexto onde a migração feminina na Amazônia é marcada por desigualdades sociais históricas persistentes. Dessa forma, a pesquisa questiona quais as

principais motivações que levaram mulheres do município de Chaves na ilha do Marajó à migrar para a cidade de Belém a partir da década de 1980.

2 METODOLOGIA

Este estudo se trata de uma pesquisa empírica de natureza qualitativa, a escolha do tema foi feita a partir do interesse pessoal em compreender as motivações que levaram mulheres nascidas no Marajó à migrar para a cidade de Belém. A utilização do método qualitativo teve como objetivo compreender a lógica de processos e as estruturas sociais, acerca da migração, visando a análise aprofundada dos casos particulares abordados na pesquisa (Alonso, 2016). Previamente foi realizada a pesquisa bibliográfica exploratória feita a partir da leitura de artigos, matérias e relatórios produzidos acerca do tema, bem como levantamento das principais teorias que buscam compreender o fenômeno migratório.

Cada etapa durou por volta de um mês a partir do início. A técnica de história de vida foi utilizada para a realização de entrevistas não diretivas com foco em depoimentos aprofundados com quatro mulheres nascidas no município de Chaves e uma nascida no município de Portel, localizados no Arquipélago do Marajó. As cinco participantes da pesquisa foram escolhidas por amostra não-probabilística por conveniência, com o objetivo de compreender, por meio de depoimentos, as várias motivações por trás da decisão de migrar de seus locais de nascimento para outras localidades. As dificuldades encontradas na composição da amostra variam entre a pouca disponibilidade das entrevistadas, bem como a limitação de tempo para a realização das entrevistas e coleta dos dados.

Segundo Guy Michelat (1982), as informações que podem ser conquistadas através da entrevista não diretiva permitem com que a liberdade dada ao entrevistado possibilita um nível maior de profundidade em sua resposta. A entrevista não diretiva foi utilizada nesta pesquisa com foco em encorajar as entrevistadas para que elas pudessem sentir mais segurança e liberdade em contar suas histórias de vida, permitindo assim o alcance de informações importantes e não explícitas, com o objetivo de conhecer e se aprofundar na trajetória de vida dessas mulheres.

Na presente pesquisa foi usado a técnica de história de vida na elaboração de um roteiro de perguntas abertas, com mulheres entre 33 e 67 anos de idade e que migraram a partir da década de 1980. O roteiro da entrevista conteve perguntas iniciais básicas acerca da infância, família e escola, como forma de conhecer as entrevistadas e deixá-las confortáveis para se

aprofundarem em seus depoimentos acerca do tema da migração, como a mudança para Belém, trabalho, adaptação e como vivem atualmente. Foi assinado um termo de compromisso antes de cada entrevista, pelas entrevistadas e também pela pesquisadora.

Segundo Nogueira et. al. (2017), a técnica de história de vida faz parte da metodologia qualitativa bibliográfica, que consiste na escuta por parte do pesquisador, realizada por meio de entrevistas não diretivas, que podem ou não ser gravadas, com o objetivo de conhecer a história de vida do entrevistado. A técnica de história de vida é aqui utilizado partindo do pressuposto de que os processos macrosociais podem ser melhor compreendidos ao analisar as micro experiências individuais, permitindo assim fazer uma retrospectiva da vida, recolhendo dados a partir da memória do entrevistado, com pouca interferência do pesquisador, assim concedendo ao entrevistado a condução de sua própria narrativa (Alonso, 2016).

As trajetórias de vida das entrevistadas nos permitiram desvendar a influência de fenômenos objetivos e experiências subjetivas ocorridas ao longo das suas vidas, na tentativa de identificar uma sequência e padrões similares em diferentes histórias individuais (Alonso, 2016). No caso das migrações femininas, o objetivo foi compreender os fenômenos macro e microsociais que influenciam mulheres a tomar a decisão de migrar.

3 DA ILHA À CIDADE: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES DO MARAJÓ NA MIGRAÇÃO PARA BELÉM

Nesta seção apresento resultados das entrevistas orientadas pelo método qualitativo, utilizando um roteiro com perguntas abertas. O objetivo foi compreender as principais motivações de mulheres nascidas no Marajó que influenciaram a decisão de mudar para Belém na esperança de encontrar melhores condições de vida na capital paraense. A análise desse evento contribui para uma reflexão sobre as questões de gênero do fluxo migratório de mulheres no eixo Marajó-Belém, principalmente no que se refere aos fatores que influenciam esse fluxo. Esta seção encontra-se dividida entre duas subseções, a saber: Infância no Marajó; A educação como fator central na decisão de se mudar.

3.1 Infância no Marajó

Quatro das cinco entrevistadas cresceram às margens do Rio Cururu, localizado no município de Chaves no Marajó, a quinta e mais nova das entrevistadas nasceu e cresceu no município de Portel, também no arquipélago. Chaves e Portel são as localidades de nascença

das entrevistadas nesta pesquisa, estes são municípios do Arquipélago do Marajó, a maior ilha fluviomarítima do mundo com diversas cidades e vilas cheias de famílias ribeirinhas. O sistema de transporte se limita principalmente ao marítimo e hidroviário, onde é praticamente inexistente a presença de rodovias ao longo da região, com pouquíssimas existentes. O município de Chaves é formado por diversas localidades como Mexiana, Caviana, Arapixi, Mocões, entre outras, o destaque vai para o rio Cururu, local onde a maioria das entrevistadas nasceu e viveu a infância e grande parte da vida. O rio é afluente ao Rio Anajás, ao longo de sua extensão, se observa as palafitas construídas pelos ribeirinhos, onde a maior parte da população se organiza entre vilas (Passos; Santos Junior, 2025).

O município de Portel, cidade natal de uma das entrevistadas, com 25 mil km² de território, é o lar de muitas famílias ribeirinhas que precisam se deslocar até 24 horas para chegar à sede urbana da cidade. Sendo um dos maiores municípios da região do arquipélago, diferente da imagem comum do turismo marajoara, de búfalos e praias, esse lado do arquipélago é conhecido como “Marajó de florestas”, por sua paisagem com florestas densas e caminhos traçados por rios (Moraes, 2025).

As narrativas das entrevistadas sobre suas infâncias demonstram um sentimento de muito afeto com o lugar em que nasceram e cresceram, descrevendo com nostalgia suas vivências no Marajó. As entrevistadas falam da família com muito carinho. Cresceram cercadas de muito amor entre os familiares, como mãe, pai, irmãos, avós, tios, tias e primos. Elas descrevem o lugar onde cresceram como um lugar bem pacato. Na região ribeirinha, em fazendas, campos e igarapés, ressaltaram seus laços com a natureza e suas vivências em pequenas vilas. Cercadas por uma rede familiar muito unida, as entrevistadas descrevem a infância com muito carinho, apesar de simples, elas tem ótimas lembranças do lugar onde nasceram.

As entrevistadas relataram terem crescido em moradias simples de palha, madeira ou casas cedidas, sugerindo uma infância materialmente simples, porém como um tempo social muito valorizado, como descreve uma das entrevistadas: “A infância foi maravilhosa. Correr na rua, pular no rio, de correr o dia inteiro [e] a noite toda, que era tranquilo, né? Cidade pequena do Marajó” (Camila Pamplona, entrevista concedida em 26 nov. 2025).

Com uma infância associada à segurança, pertencimento e liberdade, mesmo tendo sido marcada pela precariedade material, elas relatam esse período com muita saudade, um tempo tranquilo e simples, porém muito bom, como destacam duas irmãs entrevistadas: “Ah, minha

infância foi boa, né? O papai morava numa fazenda. Aí a gente, nós estudamos também na fazenda que ele trabalhava. E foi bom demais para nós” (Célia Nogueira, entrevista concedida em 28 nov. 2025). “É a mesma coisa, né? A gente morava lá na fazenda, saía, ia passear, pras festas, se divertir” (Sônia Ramos, entrevista concedida em 28 nov. 2025).

Todas as entrevistadas falam muito bem do tempo que viveram no Marajó, e destacam a tranquilidade da infância no arquipélago: “foi uma infância tranquila, tranquila, bem tranquila. Tive, meus pais eram, graças a Deus, nunca tive problema com família, com paternidade. Sempre foi muito carinho” (Edina Ferreira, entrevista concedida em 26 nov. 2025). Sua irmã compartilha do sentimento e dá mais detalhes de como foi esse período, “Uma infância simples, né? Eu estudava, ia pescar com meu pai, né? Quando ele tava, quando ele tava viajando, eu ia com a minha mãe” (Edinamar Bioche, entrevista concedida em 5 dez. 2025).

3.2 A educação como fator central na decisão de se mudar

A escola surge como um marcador central da desigualdade entre interior e capital. Os relatos sobre a trajetória educacional falam de escolas improvisadas em casas, fazendas ou salas cedidas; com oferta educacional limitada, geralmente até a 4ª ou 5ª série, e professores únicos (com turmas multisseriadas), muitas vezes deslocados de outras cidades. O Marajó aparece como um espaço de bloqueio das trajetórias educacionais, o que resulta na decisão de migração precoce, entre 15 e 20 anos, para atender a expectativa central de estudar e “ser alguém na vida”, decisão mediada por familiares e geralmente apoiada pela família.

Ao descreverem suas motivações que levaram a decisão de migrar, as entrevistadas ressaltaram possuírem uma rede familiar bastante unida, alegam terem sido acolhidas por parentes em Belém, porém apesar desse acolhimento, as entrevistadas em sua maioria relatam as dificuldades enfrentadas depois da mudança, como a saudade da família e da vida no Marajó, a distância e a dificuldade de deslocamento entre Belém e Marajó, bem como o alto custo de viver na capital paraense.

As entrevistadas que migraram recentemente declaram ainda não terem se adaptado muito bem em Belém. Suas motivações que levaram a decisão de se mudar variam entre a vontade de estudar, doenças e morte de familiares importantes, bem como familiares já presentes na cidade como o marido ou filhos.

Apesar da dificuldade de adaptação à vida na capital, falam sobre o desejo pela melhora de vida, a partir do estudo, da profissão, do trabalho e da construção de uma vida com a família na cidade. Abaixo temos os relatos das entrevistadas descrevendo os motivos que as levaram a mudar para Belém:

Porque justamente por isso, porque a minha vontade era de estudar, de estudar, porque eu ouvia muito falar que o futuro da humanidade era o estudo. Nós tínhamos que **estudar para poder ser alguém na vida**. Então eu tinha vontade de vir estudar. Só que quando eu cheguei aqui em Belém, eu fui estudar sim, mas aí eu precisava trabalhar porque eu não tinha condição de me manter. A família com quem eu morava era uma família bem humilde e não tinha condições de me manter. Então eu precisava estudar. E na época que eu cheguei aqui em Belém, a gente para trabalhar era em casa de família, e como eles contratavam uma pessoa para trabalhar era assim: **“precisa-se de uma empregada que trabalhe, durma no emprego e não estude”**. Então eu tive que optar ou eu estudava ou eu trabalhava. Como eu precisava de me sustentar, eu optei por trabalhar (Edina Ferreira, entrevista concedida em 26 nov. 2025).

Foi quando meu sogro faleceu. Aí a gente veio para ficar com a mãe dele (marido) e tentar a vida, porque lá em Portel realmente a economia de lá gira em torno da prefeitura. Se não tiver uma formação, não tiver um pouquinho mais, tu não consegue trabalhar, porque a maioria é professor, trabalha nos interiores, porque Portel em área é muito grande, então tem muito interiorzinho que precisa. Então tem bastante educadores (Camila Pamplona, entrevista concedida em 26 nov. 2025).

Depois que a mamãe morreu, aí a gente fiquemo meia desnorteada, né? Um pouco. Aí cada um foi tomar conta da sua vida, né? Aí essa (Célia) veio para cá, para Belém, e eu fiquei lá no Marajó. Depois eu vim pro Arapixi. Papai comprou um terreno, a gente fiquemos lá. Aí daí eu fui para Macapá, meu marido adoeceu e fui embora para lá. Mas isso eu tinha 20 anos já lá no Arapixi. Aí ele faleceu, aí eu fiquei lá (Macapá) também, passei um tempão. Aí agora que eu vim para cá (Sônia Ramos, entrevista concedida em 28 nov. 2025).

Porque o meu marido trabalhava para cá. Ele veio trabalhar para cá e, como ela tá falando aí, a minha mãe morreu. Aí o papai já veio morar no Arapixi. Não foi? Aí eu vim embora morar com ele para cá. Os meus filhos eram tudo pequeno. O Gil tinha 4 anos, parece. A Lorena tinha 6 (Célia Nogueira, entrevista concedida em 28 nov. 2025).

Eu tinha vontade de estudar. Aí quando eu vim para cá, vim sem documento de estudo, né? Que tinha que ter com que comprovasse que eu tinha estudado lá. Aí como não tinha, fui fazer tudo do começo de novo, né? Estudar de novo. Aí estudei, fiz o supletivo, aí não terminei porque fui trabalhar e nesse tempo trabalhei em casa de família - eu não ia estudar, né? **Não, não podia estudar porque morava na casa, né?** (Edinamar Bioche, entrevista concedida em 5 dez. 2025).

Nas entrevistas, a migração não aparece como ruptura isolada, mas como uma decisão negociada com a família e mediada por redes de parentesco (tias, pais, padrastos), geralmente

associada a projetos coletivos (educação, sobrevivência, apoio à sogra, acompanhamento do cônjuge). Esses dados sugerem que a migração não é motivada por uma rejeição da vida marajoara na infância. Mas por limitações estruturais do território, principalmente no que diz respeito à escolarização, trabalho e serviços públicos, precariedade na oferta de serviços sociais e estruturas adequadas que podem influenciar a decisão de migrar para regiões que ofereceriam esses serviços com melhor qualidade.

4 OS FATORES QUE LEVAM À DECISÃO DE MIGRAR

Diversas situações de vulnerabilidade, como a pobreza, conflitos territoriais e perseguições por raça, gênero, religião ou por opinião política são fatores que contribuem para a migração (Moreno, 2010). Por meio das trajetórias de mulheres, especificamente, podemos compreender outras dimensões do fenômeno. Dessa forma, é necessário investigar nesse contexto os papéis desempenhados por essas mulheres como sujeitos no processo migratório, tanto como vítimas, vulneráveis a pressões psicossociais, quanto diante das expectativas acerca de uma nova cultura e falta de acolhimento e a marginalização no mercado de trabalho (Moreno, 2010).

Segundo Peixoto (2004), as teorias migratórias podem se dividir entre micro e macro-sociológicas, destacando as decisões de caráter individual, bem como as estruturas sociais que podem condicionar esses fluxos. Examinando o contexto no qual as entrevistadas cresceram e buscando compreender os fatores condicionantes que influenciam a decisão de migrar, busca-se compreender as decisões motivadas por valores e comportamentos de caráter afetivos e tradicionais, analisar a interligação entre perspectivas individuais e realidades coletivas, bem como a perspectiva da trajetória social onde a melhoria profissional se mostra um fator de grande relevância na decisão individual do deslocamento (Peixoto, 2004).

Analisando o contexto sócio-espacial em que as entrevistadas cresceram, apesar de relatarem a infância como um período maravilhoso, foi possível compreender através de seus relatos a precariedade na oferta de estruturas sociais que permitissem que continuassem o aprendizado e o crescimento na sua cidade, bem como a limitação oportunidade de trabalho que permitissem que essas mulheres buscassem melhorias laborais variadas nos locais em que nasceram, de forma a continuarem em suas cidades, sem que fosse preciso migrar para outro lugar em busca de melhoria de vida e maiores oportunidades. Podemos compreender quais os fatores de caráter coletivo, ou estruturante, que impactam, de diversas formas, na decisão de migrar. O papel das forças sociais estruturadoras, as relações econômicas, bem como a

perspectiva sócio-espacial vão conduzir esses movimentos populacionais migratórios (Peixoto, 2004).

A partir dos anos 1970, na Amazônia, políticas de desenvolvimento de grandes projetos de desenvolvimento, como o Polamazônia e o Plano de Integração Nacional, atraíram migrantes de outros estados e expulsaram muitas pessoas de seus territórios de origem (Schmink e Wood, 2012), intensificando os deslocamentos de áreas rurais para as urbanas, bem como de um centro urbano para outro, o que levou o grau de urbanização a níveis mais elevados (Cunha; Baeninger, 2007). Segundo Baeninger (2011), na região Norte as trocas interestaduais se tornaram expressivas a partir dos anos 2000, com períodos intercalados de fluxo migratório entre os estados da região, a expansão da “nova fronteira agrícola” permitiu uma baixa da perda migratória, com ganhos populacionais significativos para os estados.

Através dos relatos das interlocutoras foi possível identificar que essas mulheres não apresentam rejeição pela vida que tinham no Marajó, mas entendemos como as limitações estruturais relacionadas ao estudo, trabalho e a carência de serviços públicos puderam influenciar sua decisão no que diz respeito a busca por melhores condições de vida e crescimento profissional.

[O motivo de sair de Marajó] Era de estudar. A minha perspectiva era estudar e me formar. O meu sonho era me formar em enfermagem. Eu tinha o sonho de me formar em enfermagem. Mas **esse sonho foi interrompido pelo trabalho**, né, pela questão do trabalho. Em dezembro de 1988, eu engravidei. Aí aos 8 meses de nascida da minha filha, eu fui embora pro Marajó de novo. Fiquei lá cerca de 10 anos (Edina Ferreira, entrevista concedida em 26 nov. 2025).

De vir, arrumar emprego, comprar uma casa que eu consegui comprar, né? Mas trabalhar, ter uma rotina. Só que **a rotina de cidade grande acabou comigo literalmente**. Essa rotina da gente sair de manhã e voltar de noite, não ter um tempo bom de lazer. Aí a perspectiva era essa, trabalhar, construir as coisas com meu marido. Filho não tava no meu planejamento, né? Pra ti ver que 8 anos depois que veio (Camila Pamplona, entrevista concedida em 26 nov. 2025).

Eu pensava assim que tinha trabalho e fosse conseguir coisas, né, melhores, construir a minha família, né? **Eu tinha vontade que viesse todos**, né, meu pai com a minha mãe nesse tempo, meus irmãos, mas eles não quiseram vir (Edinamar Bioche, entrevista concedida em 5 dez. 2025).

Algumas entrevistadas já migraram casadas, as que vieram sozinhas ainda eram adolescentes na época em que decidiram se mudar para Belém, algumas das que já eram casadas também já tinham filhos ao se mudarem, a maioria delas tiveram filhos após a

mudança para a capital. As entrevistadas narram essa como uma das motivações para permanecerem na cidade, justamente o desejo de que os filhos pudessem ter melhores condições de vida e mais oportunidades em Belém. Os relatos indicam a grande expectativa de ter um futuro melhor na capital, encontrar boas oportunidades e conquistar objetivos. A educação aparece como valor moral central, transmitido entre gerações. Mesmo quando o projeto educacional individual é interrompido, ele é reativado no investimento nos filhos, revelando a migração como estratégia intergeracional de mobilidade social.

A partir dos resultados desta pesquisa foi possível notar os diferentes fatores que podem influenciar a decisão de uma mulher a sair do lugar onde nasceu em busca de outras possibilidades em uma cidade diferente, desde o sonho de terminar os estudos que não foram possíveis serem concluídos no Marajó como foi o caso das irmãs Edina Maria e Edinamar, a vontade de reunir a família para reencontrar o marido ao decidir se mudar com os filhos para Belém após a morte da mãe no caso da dona Célia, também sua irmã dona Sônia que veio de Macapá após a morte do marido para ficar perto dos filhos, até a morte de um parente que acarretou na decisão de ficar na cidade para tentar a vida na capital.

Duas das entrevistadas são irmãs e se mudaram para Belém em períodos distintos. A primeira a se mudar foi Dona Célia, em 1995, pois o marido trabalhava em Belém. Logo após a morte de sua mãe, seu pai mudou para outra localidade também em Chaves, com isso ela decidiu morar com o marido e os filhos em Belém. Sua irmã, Dona Sônia, continuou no Marajó por bastante tempo, migrou primeiramente para Macapá, capital do estado do Amapá, para ficar com o marido que estava doente, após a morte do marido continuou morando em Macapá e só então em 2022, decidiu migrar para Belém para ficar perto dos filhos que já moravam na capital paraense. Nos dois casos, as mulheres se mudaram seguindo os maridos que migraram para a cidade.

Uma das entrevistadas, que se mudou para Belém no início da década de 1980, relata que o primeiro contato com a capital paraense foi por meio de uma viagem para visitar parentes que já moravam na cidade, e relata ter decidido ficar na capital com o objetivo de estudar, pois seu sonho era trabalhar como enfermeira. As demais vieram em épocas diferentes, uma delas, Dona Edinamar veio alguns anos depois da irmã, em 1986, com o objetivo de terminar os estudos que não puderam ser continuados na cidade onde cresceu.

Podemos notar que regiões com maiores investimentos econômicos e marcados pelo avanço do processo de industrialização se tornaram mais atrativas para aqueles que buscam

melhorias, por oferecerem melhores condições de vida, isso não é visto somente em migrações interestaduais como acontece no caso da Dona Sônia que primeiramente se mudou para Macapá e de lá veio para Belém, mas também no fluxo migratório de regiões rurais para os centros urbanos, como é o caso de Marajó-Belém. O que se nota é o redirecionamento dos fluxos migratórios a nível intraestadual, isso acontece graças à expansão e ao crescimento econômico de certas regiões, principalmente as metropolitanas (Cunha; Baeninger, 2007).

No Brasil, não é possível entender os movimentos migratórios sem analisar as desigualdades regionais, um problema estrutural persistente no país, essas diferenças na estrutura ocupacional refletem diretamente na distribuição salarial e no perfil e qualificações dos trabalhadores brasileiros (Cunha; Baeninger 2007). Com o fenômeno migratório sendo mais expressivo a partir da década de 1970, o principal foco de discussão eram as migrações interestaduais, influenciadas principalmente pelo avanço industrial focado majoritariamente em certas regiões do Brasil, o que se via eram pessoas saindo especialmente de regiões como Norte e Nordeste migrando para regiões Sul e Sudeste (Baeninger, 2011).

As desigualdades regionais são também fatores que podem influenciar bastante a decisão individual de migrar, bem como influenciar o indivíduo na busca por melhores condições de vida em regiões com maior oferta de crescimento pessoal e profissional. Segundo Cunha e Baeninger (2007), a partir de 1980 as migrações internas no Brasil se tornaram mais complexas, podemos notar que a dinâmica econômica do país influencia diretamente no padrão migratório interestadual, isso pode ser visto também em migrações internas estaduais, onde regiões com maiores investimentos econômicos, como as capitais, podem se tornar mais atrativas para aqueles que buscam melhorias nas condições de vida.

Retornando aos relatos das entrevistadas, podemos compreender de forma mais detalhada suas motivações para migrar para a capital paraense. Camila Pamplona, a mais jovem entre as entrevistadas, teve a motivação da vinda para Belém em 2020, ocasionada a princípio pelo falecimento do sogro. Ela relata que, posteriormente, decidiram ficar morando com a sogra e tentar a vida na capital, pela escassez de opções de trabalho em Portel, cidade em que nasceu, pois segundo ela toda a economia do município gira em torno da prefeitura, como descreve a entrevistada,

Se não tiver uma formação, não tiver um pouquinho mais, tu não consegue trabalhar, porque a maioria é professor, trabalha nos interiores, porque Portel em área é muito grande, então tem muito interiorzinho que precisa. Então

tem bastante educadores (Entrevista concedida em 26 nov. 2025).

O fenômeno migratório se analisado em esfera municipal, como no caso desta pesquisa, analisa o fluxo de saída da população rural que migra na busca por empregos, mesmo os temporários, em grandes centros urbanos, sendo esses seus locais de destino no caso da busca por melhoria laboral. Rosana Baeninger (2011), discute as diferenciações dos conceitos de circulação e migração ao analisar como as interpretações conceituais se baseiam no excedente populacional de origem rural que circulam por trabalhos sazonais ou temporários nos lugares de destino. A autora esclarece,

Ainda na perspectiva das migrações rurais-urbanas, a circulação traduziria a complementaridade dos deslocamentos de população; tais conceitos partem de uma sociedade em transição para o mundo urbano, onde as mudanças na estrutura agrária geram um contingente de ‘força de trabalho móvel’ [...] (Baeninger, 2011, p. 87).

Ainda segundo Baeninger (2011), o que se busca é compreender como a circulação de pessoas demonstra a disponibilidade de força de trabalho influenciada principalmente pela urbanização e pelo processo de industrialização, a limitação do conceito de circularidade é a de não contemplar a complexidade do fenômeno migratório, pois se baseia em localidades de origem com dinâmicas limitadas para áreas de destino com dinâmicas produtivas e capacidade em empregos, mesmo os temporários.

Um conceito utilizado para discutir o fluxo migratório interestadual é a “Rotatividade migratória”, o conceito é analisado nessa pesquisa por não se limitar somente à migração entre estados, mas também ser capaz de se fazer presente nas migrações entre municípios, no caso da presente pesquisa a análise de todas as dinâmicas sociais por trás do fenômeno da migração Marajó-Belém. Segundo Baeninger,

O conceito de rotatividade migratória contempla, por sua vez, como primeiro pressuposto, tratar-se de um fenômeno migratório eminentemente urbano e que- também no âmbito das migrações internas – constitui um fato social total (SAYAD, 1990). Ou seja, a imigração e a emigração fazem parte de um mesmo processo social, sendo um fenômeno que comporta transformações na esfera social, na dimensão econômica e cultural no local de partida e de chegada (2011, p. 87).

Segundo a autora o conceito da rotatividade migratória pressupõe a dimensão espacial para a compreensão dos processos migratórios e também seus espaços de vida, com idas e vindas, retornos e temporalidade limitada, dessa forma as explicações para as dinâmicas temporárias internas se aproximam mais de contribuições teóricas acerca das migrações, seja

abordando as redes sociais ou a demanda por trabalhadores (Baeninger, 2011). Ainda segundo a autora,

É no espaço de vida (COURGEAU, 1988), no campo social (BOURDIEU, 1997) onde agentes “ocupam posições relativas em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real (...) e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos”, constituindo os espaços sociais da migração (Baeninger, 2011, p. 88).

Ao examinar o caso da entrevistada Camila Pamplona podemos compreender que ela não tinha o objetivo inicial de permanecer em Belém, porém analisando as oportunidades que poderia ter na capital junto com o marido, decidiu por permanecer na cidade apesar de nunca ter se adaptado à realidade de Belém.

Os relatos sobre a realidade pós mudança são variados, com adaptações complicadas, algumas das entrevistadas relatam nunca terem se adaptado muito bem na cidade. Após a mudança primeiramente se instalaram na casa de familiares que já moravam em Belém, como tias e sogros. As entrevistadas descrevem os primeiros anos como sendo difícil, a saudade da família, a distância e o deslocamento para visitas aos familiares que permaneceram no Marajó, a dificuldade de se comunicar, o custo de vida na capital, bem como a logística da cidade.

Pesquisadora: Como foi que a senhora se sentiu nos primeiros anos depois que a senhora se mudou para cá?

Dona Edina Maria: Situação um pouco difícil, bem difícil mesmo. Sentia saudade da família, não tínhamos telefone, não tinha como se comunicar. O transporte era muito difícil pra gente se deslocar daqui de Belém para lá ou de lá do Marajó para cá. Teve uma vez que eu fui daqui de Belém num barquinho que eu passei 12 dias viajando até chegar lá no Marajó, até lá em casa.

Camila Pamplona descreve por que não conseguiu se adaptar na capital ainda hoje:

Cara, no começo, na verdade, até hoje eu não me adaptei assim 100% para falar a verdade pra ti. Não me adaptei 100% porque eu gosto de cidade pequena. Aqui eu acho tudo muito, muito longe, tudo muito caro, tudo tu precisa ter um dinheiro. Cidade pequena no Marajó não, tu vai a pé, vai de bicicleta, tudo é perto. Então até hoje eu não me adaptei 100%. Também, isso é complicado. A questão da logística, distância (Entrevista concedida em 26 nov. 2025).

O território do Marajó não aparece apenas como espaço de carência, mas como lugar de sociabilidade, memória e formas próprias de reprodução da vida. Entretanto, a migração para Belém desestrutura essas formas comunitárias e impõe uma reorganização da reprodução

social segundo a lógica urbana capitalista. A dificuldade de adaptação relatada por Camila revela o choque entre uma reprodução social baseada na proximidade, no apoio familiar e no ritmo comunitário e outra baseada na mercantilização do tempo, da mobilidade e do cuidado.

Outra entrevistada, ao ser questionada sobre a diferença que sentiu ao chegar na capital paraense, tendo vindo de Macapá, também descreve ainda não ter conseguido se adaptar muito bem em Belém, “Estranhei muito aqui. **Na verdade, eu não me acostumo aqui.** Eu moro porque eu tenho a minha casa. Aí tenho meus filhos que moram aqui, dois. Mas eu sinto muita saudade lá de Macapá. Eu gosto de lá” (Sônia Ramos, entrevista concedida em 28 nov. 2025).

A adaptação à realidade de Belém foi e ainda é difícil para as entrevistadas. As que já conseguiram se adaptar mudaram para Belém há mais tempo. Ao serem questionadas sobre a vida antes e depois da mudança, as entrevistadas deram relatos marcantes. Um relato importante a ser ressaltado é o da dona Edina Ferreira onde ela descreve como se sentiu,

Assim, **eu não culpo ninguém.** A minha mudança, depois que eu fui entender como era que funcionava tudo, foi depois que eu fui comecei a ter comunicação com televisão, com jornal, com pessoas de formações que eu já fui tendo conhecimento e passei a conhecer as leis que ampara as pessoas que vem do interior. E nessa situação e aí eu já me libertei mais um pouco. Aí logo em seguida eu completei a maioridade, mas enquanto isso eu vivia a critério dos patrões que eu já morava com os patrões (Entrevista concedida em 26 nov. 2025).

Ao afirmar que não culpa ninguém, a interlocutora trata o fato de ter migrado como uma decisão negativa, mas que não tinha informações suficientes à época, para tomar uma decisão melhor informada. Outro relato compara a vida que tinha no Marajó com a vida em Belém:

Como eu tô te falando, lá era tudo perto, eu conseguia fazer tudo assim porque tudo é perto. Eu ia trabalhar, eu ia almoçar em casa, eu voltava de tarde, eu ia na casa dos meus avós, toda tarde eu ia tomar café com a minha avó, aqui não, eu tenho que fazer todo um planejamento para eu conseguir fazer uma coisa de manhã, né? Então, para mim essa questão de logística daqui que me atrapalha bastante (Entrevista concedida em 26 nov. 2025).

Esses dados sugerem que a migração não é motivada por uma rejeição da vida marajoara na infância, mas por limitações estruturais do território, principalmente no que diz respeito à escolarização, trabalho e serviços públicos, precariedade na oferta de serviços sociais e estruturas adequadas que podem influenciar a decisão de migrar para regiões que oferecem esses serviços com melhor qualidade. Assim, os relatos nos ajudam a compreender as limitações sócio-estruturais que podem impulsionar a decisão de se mudar.

5 A MIGRANTE TRABALHADORA DOMÉSTICA

Os relatos das entrevistadas, ao serem questionadas sobre os trabalhos que tiveram logo após sua chegada em Belém, elucidam as propostas de trabalho ofertadas às mulheres migrantes que saem de um ambiente rural em busca de melhoria laboral em grandes centros urbanos. Faria *et al.* (2012) discutem sobre como o trabalho doméstico é realizado de diversas maneiras, seja ela constante ou intermitente, e tem sido absorvido com mão de obra feminina, sendo bastante ligado ao movimento migratório, seja ele interno ou externo. Segundo os autores,

Em tese as evidências sobre a inserção de mulheres migrantes no trabalho reprodutivo (doméstico) mostra que suas escolhas são consistentes com a escolha racional das ocupações por parte dos migrantes, uma vez que, ao longo do tempo, os migrantes tendem a deixar ocupações informais de menor remuneração e inserir-se em ocupações formais. De grosso modo, esta modalidade de trabalho se caracteriza pela baixa qualificação, não requer nível elevado de escolaridade, não é necessário ter experiência, enfim, uma inserção precária, penosa e rápida. (Faria *et al.* 2012, seção “Considerações preliminares”).

Podemos analisar no caso de muitas mulheres migrantes que essa inserção nem sempre implica na tentativa de aceitar o trabalho doméstico apenas como impulso inicial para a estabilização ao chegar nos lugares de destino, mas as expõe muitas das vezes à superexploração do trabalho. O autor Roberto Marinucci discute que,

Apesar de sua importância para a sustentação e reprodução da sociedade, as atividades de cuidado e de serviços domésticos são marcadas pela informalidade, desvalorização, invisibilidade e violação de direitos. No caso das mulheres migrantes a situação se torna ainda mais grave, pois a precariedade trabalhista se intersecciona com discriminações de gênero, raça e nacionalidade. [...] (2022, p. 7).

Podemos também explorar mais uma teoria apresentada pela autora Marina Raventós, seria esta a “Teoria dos mercados de trabalho duais ou Teoria do mercado de trabalho fragmentado”, de forma resumida, esta teoria aborda como as migrações se baseiam muitas vezes na busca por trabalho daqueles que migram, esses trabalhos em sua maioria precários, são ofertados aos migrantes pela baixa procura dos nativos, a aceitação desses trabalhos pelos migrantes os condiciona a setores instáveis do mercado de trabalho nas sociedades industriais (Raventós, 2014). Esta teoria nos ajuda a compreender as condições encontradas pelas migrantes, na busca por melhora laboral, bem como as dificuldades de se inserir no mercado de trabalho ao migrar.

Silmara Alberguini e Edna da Rocha (2023), ao estudarem a divisão social e sexual do trabalho no contexto da superexploração do trabalho feminino, discutem como essa divisão ao impor características específicas a cada sexo condicionam que as atividades masculinas se apresentam na esfera produtiva e pública, enquanto as atividades femininas se voltam principalmente a esfera reprodutiva e privada. Segundo as autoras,

[...]A organização social patriarcal permite, e até se naturaliza a opressão da mulher, a dominação masculina e no contexto capitalista, a exploração. Porém, a opressão dominação-exploração é intensificada quando outras dimensões se unem ao sexo feminino, tais como a “raça”/etnia e classe social. Ao se apropriar da mão de obra de mulheres, sobretudo as pertencentes às classes sociais desfavorecidas, o capitalismo intensifica a opressão e exploração, pois elas são expostas às jornadas extenuantes de trabalho e baixa remuneração, beneficiando a burguesia (entenda-se homens ricos e brancos). (Alberguini; Rocha, 2023, p. 6).

Segundo Lise Vogel (1983 *apud* Elias, 2024), o capitalismo depende da reprodução cotidiana e geracional da força de trabalho — alimentação, cuidado, socialização, educação e manutenção física e emocional dos trabalhadores — atividades realizadas fora da esfera produtiva e quase sempre atribuídas às mulheres. Ao tentarmos compreender as relações de trabalho de migrantes sob a ótica do capitalismo, podemos começar analisando como a Teoria da Reprodução Social trabalha a questão dos trabalhos domésticos e de cuidado, um ponto muito importante da nossa discussão.

As formas de opressão feminina no capitalismo são demonstradas de diversas formas, o objetivo aqui é compreender de que formas elas são materializadas nas vivências das migrantes marajoaras. Segundo Elias (2024), somente em 1969 houve a tentativa de estudar o trabalho doméstico das mulheres como uma parte integral da economia política do capitalismo (Elias, 2024). Pela ótica da questão de classes, mulheres de classes sociais vulneráveis são levadas a buscar formas de sobrevivência, fornecendo esse trabalho doméstico e sendo submetidas às explorações, realidade de muitas mulheres migrantes ao chegarem nos destinos.

Pensando nos estudos voltados ao trabalho doméstico e as condições de exploração desse tipo de trabalho, as mulheres não se encontram somente discriminadas e exploradas no capitalismo, mas também são condicionadas a desempenhar trabalhos de forma gratuita. Seguindo o foco desses dos estudos feministas sobre essas condições de trabalho é que surgiram os debates sobre a questão, como mostra a autora,

[...]No contexto dos anos 1970 isso significou que, pela primeira vez, o feminismo pressupunha a falta de identificação com a reprodução e partia da premissa que o trabalho doméstico consistia na exploração da mulher (Federici, 2019). A questão principal desse debate foi tentar responder como o trabalho doméstico não-pago da mulher contribui para o processo de geração de mais-valor no capitalismo, buscando compreender o funcionamento da base material de opressão das mulheres. Esse debate chamou a atenção para as especificidades da questão da mulher que não poderiam ser submetidas à questão da luta de classes.[...] (Elias, 2024, p.147).

Podemos observar as dinâmicas de exploração relacionadas ao trabalho doméstico examinando o relato da dona Edina Ferreira, sobre as condições que eram impostas a ela e outras colegas no ambiente de trabalho,

Eu sempre trabalhei em casa de família. Era um trabalho que não era assalariado, era o patrão que dizia: ‘Olha, eu só posso te dar tanto. Mas eu posso te ajudar com teu shampoo, te dar uma roupa, um sapato e eu posso te dar tanto pelo teu trabalho’. Então era assim. Aí como eu precisava eu aceitava, até em 88, foi em 1988 que passou a ter o direito da empregada doméstica de carteira assinada com seus direitos trabalhistas. Aí já mudou, já tive carteira assinada, já tinha a carga horária de trabalho, recebia o salário já, só que teve um período que veio uma lei que a empregada doméstica que dormisse no trabalho, tinha que pagar o dormitório. Então eu me recusei a pagar porque eu tinha onde morar, onde dormir. Era uma questão, eu já tinha minha visão própria de direito de trabalho. Aí eu me recusei de pagar a minha dormida no trabalho, porque eu tinha onde dormir. Eu dormia no trabalho porque era uma questão deles exigirem que a gente dormisse, mas não que eu não tivesse onde dormir. Aí as minhas colegas também perguntaram, aí nós nos juntamos e nós recusamos que fosse descontado do nosso salário a habitação. Porque a gente morava no serviço porque era uma questão deles, eram eles que cobravam isso. E na nossa folga, no domingo a gente saía depois do café da manhã e tinha que às 18 horas da tarde já tá de volta no serviço, não podia dormir fora. Tinha que sair no domingo, mas voltar para dormir (Entrevista concedida em 26 nov. 2025).

Nos relatos de Edina, Célia, Sônia e Edinamar, a inserção no trabalho doméstico em casas de família revela como mulheres migrantes são incorporadas ao capitalismo urbano como trabalhadoras da esfera da reprodução social. Esse trabalho, embora fundamental, é marcado pela informalidade, baixos salários e ausência de direitos. No caso de Camila, a reprodução social se manifesta ainda antes da migração, quando ela assume, desde a infância, o cuidado dos irmãos para que a mãe pudesse trabalhar. O que mostra como a reprodução da força de trabalho é feita por transferência intergeracional de responsabilidades de cuidado, recaindo precocemente sobre meninas. As entrevistas revelam que a inserção das mulheres marajoaras em Belém ocorre, de forma recorrente, no trabalho doméstico e no cuidado — ocupações que Lélia Gonzalez identifica como prolongamentos contemporâneos da lógica escravocrata. O trabalho em “casa de família”, descrito por Edina, Célia e Edinamar,

evidencia a permanência da figura da empregada doméstica negra como pilar da reprodução social urbana, garantindo o funcionamento das famílias brancas e de classe média.

Esses relatos ajudam a esclarecer de que forma essas migrantes ao precisarem buscar formas de sobreviver no seu local de destino eram condicionadas a desistir de sonhos de construir carreiras profissionais, para buscarem trabalhos que as proporcionasse o mínimo para sobrevivência, mesmo que para isso fosse preciso que se aceitassem trabalhos muitas vezes análogos à escravidão. Essas mulheres precisaram interromper sua busca por educação para viverem sob o controle dos patrões, como conta uma das entrevistadas, dona Edinamar Bioche: “Aí estudei, fiz o supletivo, aí não terminei porque fui trabalhar e nesse tempo trabalhei em casa de família eu não ia estudar, né? Não, **não podia estudar porque morava na casa, né?**” (Entrevista concedida em 5 dez. 2025).

O papel do feminismo negro nesses estudos é de extrema importância para se aprofundar em outros aspectos desse sistema de opressão e exploração do trabalho doméstico. Segundo Elias (2024), por ser um trabalho que nem sempre é remunerado, muitas mulheres não compreendem a profundidade que o trabalho realizado por elas em casa é uma fonte de opressão, inclusive racial. A autora esclarece que,

[...]O feminismo negro muda a concepção de trabalho doméstico ao não associá-lo à maternidade e à figura da dona de casa, mas à servidão e a racialização do trabalho, incluindo o trabalho escravo (Davis, 2016). O feminismo negro traz desafios cruciais para a compreensão da opressão das mulheres rompendo com a centralidade do trabalho doméstico e apontando na direção de um entendimento sistêmico da exploração das mulheres.[...] (Elias, 2024, p.148 e 149).

Por ser um trabalho que não exige muitos requisitos, quem emprega usa tudo que tem disponível para expor essas mulheres a situações de trabalho análogo à escravidão, oferecendo subsistência como pagamento por um trabalho que exige que essas mulheres abdicuem de direitos, por não reconhecerem a situação na qual se encontram. Essas mulheres muitas vezes são expostas à diferentes formas de opressão, humilhação e exploração, tudo isso tendo deixado uma vida para trás, ao decidirem migrar com a esperança de ter melhores oportunidades.

O trabalho doméstico aparece como porta de entrada quase exclusiva das mulheres migrantes no mercado urbano. Trata-se de uma inserção marcada por gênero, raça e origem

regional, reproduzindo relações de dependência, subalternidade e exploração, especialmente antes da regulamentação dos direitos das domésticas.

Lélia Gonzáles (2020) contribui para compreender o trabalho doméstico não apenas como exploração econômica, mas como violência simbólica e cultural, marcada pela desvalorização, pela subalternização e pela negação da plena humanidade dessas mulheres. O relato das mulheres desta pesquisa, com a infância abreviada, a adolescência interrompida e a sobrecarga precoce de responsabilidades revelam como o corpo da mulher negra é socialmente construído como corpo disponível para o trabalho reprodutivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar os fatores condicionantes por trás das motivações que levam mulheres nascidas no Marajó a deixar seus locais de nascimento com o sonho de obter melhores oportunidades na capital paraense. Neste sentido, a pesquisa buscou contribuir para o debate acerca do tema e das motivações para o fluxo de migração feminina no Brasil, especialmente na região amazônica. Dessa forma, deu visibilidade à temática, procurando evidenciar as condições encontradas por essas migrantes no local de destino na busca por melhoria laboral, e de condições de vida, diante da complexidade sócio-estrutural que viviam e que também encontraram na capital paraense. Além disso, ressaltou-se a importância do estudo das condições de vida que mulheres marajoaras encontram ao se mudarem para grandes centros urbanos na tentativa de se estabelecer nesses centros.

A inviabilidade de viajar para o Marajó na possibilidade de entrevistar as mulheres que escolheram permanecer morando no arquipélago, impossibilitou a possibilidade de analisar não só a realidade das mulheres que deixam o Marajó, mas também entender a perspectiva das optaram por permanecer no arquipélago. Dessa forma, com possibilidades para estudos futuros, propõe-se o aprofundamento não somente na pesquisa das motivações por trás da migração feminina, bem como as histórias de mulheres que migraram de outras partes da região, também a análise das perspectivas das mulheres marajoaras que decidiram continuar morando no arquipélago. Além disso, propõe-se o estudo aprofundado das condições de trabalho encontradas por essas mulheres ao chegarem em seus locais de destino, as dificuldades de ascensão profissional, bem como a limitação de opções profissionais que são ofertadas.

As Ciências Sociais desempenham um papel fundamental nesse contexto, estudando o papel da educação, do trabalho e a falta de estruturas institucionais como fatores que impulsionam a migração, bem como as análises acerca das condições de emprego e a força de trabalho desumana às quais essas mulheres são condicionadas. O estudo da reprodução geracional por meio da sociologia também se faz um fator de extrema importância na análise desse fenômeno, em razão desta pesquisa as entrevistadas demonstraram como a migração também surge como um projeto para as próximas gerações ao expressarem o desejo de permanecer na capital paraense pela possibilidade de garantir que os filhos tenham mais oportunidades.

Esta pesquisa destaca a importância do processo migratório feito por meio das redes de parentesco, destacando a importância do acolhimento para a permanência dessas migrantes no local de destino e como a falta desse acolhimento pode acarretar no retorno mesmo que forçado ao local de saída, bem como as dificuldades enfrentadas que podem atrapalhar o processo de adaptação no local de destino. Representando um desafio enfrentado pelas mulheres migrantes ainda nos dias atuais.

As entrevistas realizadas com cinco mulheres nascidas no Arquipélago do Marajó proporcionaram uma oportunidade valiosa de explorar de que forma os fatores externos e internos podem influenciar na decisão de mudar de cidade na tentativa de melhorar de vida, a relação que essas mulheres mantêm com seu local de origem, de que forma esse processo é feito, bem como as dificuldades pelas quais essas mulheres passam para se manter na cidade de destino. Entende-se que esse fenômeno deve ser estudado de forma a compreender não só as dificuldades de permanecer mas também as situações enfrentadas no que diz respeito aos trabalhos desempenhados por essas mulheres e como a migração feminina serve para a reprodução social urbana como trabalho doméstico e de cuidado, e expõe essas mulheres a situações de superexploração do trabalho.

As entrevistas revelam que a migração de mulheres do Marajó para Belém é um fenômeno estrutural, atravessado por desigualdades territoriais, de gênero e raça. Longe de ser apenas um deslocamento espacial, trata-se de um processo biográfico complexo, no qual educação, trabalho, cuidado e pertencimento se articulam. As trajetórias evidenciam tanto formas de exploração quanto estratégias de agência, resistência e reconstrução da vida.

REFERÊNCIAS

ALBERGUINI, Silmara; ROCHA, Edna Fernandes da. *Superexploração do trabalho feminino e a reprodução das desigualdades*. In: SERVIÇO SOCIAL E POLÍTICA SOCIAL: desafios da intervenção profissional. Atena Editora, 2023. Cap. 1. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.2232320061>. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/download-post/77461>. Acesso em: 01 fev. 2026.

ALMEIDA, Leila da Costa. *Processo migratório na Ilha do Marajó: a trajetória dos migrantes*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/2396/1/23.Processo%20Migrat%C3%B3rio%20na%20Ilha%20do%20Maraj%C3%B3%20a.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

ALONSO, Angela. *Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução*. In: SESC SÃO PAULO; CEBRAP (org.). Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016. p. 8-23. Disponível em: https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. *Mulheres migrantes representam novo desafio para políticas públicas*. Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 2 out. 2023. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Mulheres-migrantes-representam-novo-desafio-para-politicas-publicas/>. Acesso em: 8 set. 2025.

BAENINGER, R. *Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais*. In: CUNHA, J. M. P. da (org.) Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2011. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mobilidade/cap4.pdf>. Acesso em: 9 set. 2025.

CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R. *Las migraciones internas en el Brasil Contemporáneo*. Notas de Población, CEPAL/CELADE, Año XXXII, n. 82, 2007. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/entities/publication/bd5ef11a-2bef-4461-92bf-e160bdc81626>. Acesso em: 9 set. 2025.

DOTA, E. M.; QUEIROZ, S. N. de. Migração interna em tempos de crise no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 415, 2019. DOI: 10.22296/2317-1529.2019v21n2p415. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5854>. Acesso em: 10 set. 2025.

FARIA, Guélmer Júnior Almeida de; MACEDO, Luiz Antonio; CARVALHO, Maria do Carmo de; MARCI, Caroline. *Migração interna do segmento feminino e sua inserção no trabalho doméstico: uma discussão preliminar*. In: XV Seminário sobre a Economia Mineira – Diamantina +30. Diamantina, 29 ago.-01 set. 2012. Anais. Diamantina: Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – Cedeplar / UFMG, 2012. Disponível em: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2012/migracao_interna_do_segmento_feminino.pdf. Acesso em: 01 fev. 2026.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HAZEU, Marcel Theodoor. *Migração internacional de mulheres na periferia de Belém: identidades, famílias transnacionais e redes migratórias em uma cidade na Amazônia*. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/items/bdc1c697-b818-44a3-ab92-2f6ca4e70882>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MARINUCCI, Roberto. *Trabalhadoras domésticas migrantes: invisibilidade, cuidado e lutas*. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, v. 30, n. 65, p. 7–12, ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006501>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/z5M4HY7qP7k5YwNQP8TXr5c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 fev. 2026.

MICHELAT, Guy. *Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia*. In: THIOLLENT, Michel J. M. (org.). *Crítica metodológica, investigação social & enquête operária*. 2. ed. São Paulo: Editora Polis, 1982. p. 191-207. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/540918448/MICHELAT-Guy-Sobre-a-Utilizacao-da-Entrevista-a-Nao-Diretiva-em-Sociologia-pg-191-211>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MORAIS, Alice Martins. *Portel: de campeão de extração a líder em redução de desmatamento*. ((o))eco – Jornalismo Ambiental, 21 out. 2025. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/portel-de-campeao-de-extracao-a-lider-em-reducao-de-desmatamento/>. Acesso em: 01 fev. 2026.

MORALES, Ofelia Woo. *La migración de las mujeres ¿un proyecto individual o familiar?*. REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, [S. l.], v. 15, n. 29, 2010. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/56>. Acesso em: 9 set. 2025.

MORENO, Hna. Ángela M., mscs. *Algunos caminos de la mujer en la historia de la migración*. REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, [S. l.], v. 15, n. 29, 2010. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/66>. Acesso em: 10 set. 2025.

MULHERES MARAJOARAS EM MOVIMENTO. *Mulheres Marajoaras em Movimento: relatórios e ações comunitárias*. Belém, 2022. Disponível em: <https://benfeitoria.com/projeto/mulheresmarajoarasemmovimento>. Acesso em: 10 set. 2025.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. *O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del Rei, v. 12, n. 2, maio/ago. 2017. e1037. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2025.

PASSOS, Thaiana Ferreira; SANTOS JUNIOR, O. G. . *Espaço vivido e educação na realidade ribeirinha do rio cururu no município de Chaves-Pa*. In: CORREIA, M.S. et.al. (Org.). *A produção do conhecimento no campo da educação e da educação física na Amazônia: conversas com o caê sobre reflexões insurgentes e práticas educativas transgressoras*. 01 ed. BELÉM: Ed. Dos Autores, 2025, v. 01, p. 148-160.

PEIXOTO, João. *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macrosociológicas*. Lisboa: SOCIUS/ISEG, 2004. Disponível em: <https://socius.rc.iseg.ulisboa.pt/publicacoes/wp/wp200411.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

RAVENTÓS, Marina Girona. *Introdução ao estudo das migrações*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Laboratório Didático – USP ensina Sociologia, 1. semestre de 2014. Disponível em: https://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/Marina_texto.pdf. Acesso em: 1 out. 2025.

SCHMINK, Marianne; WOOD, Charles. *Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia*. Belém: EDUFPA. 2012.

VASCONCELOS ELIAS, I. *Feminismo e marxismo:: teoria da reprodução social em Lise Vogel*. *Tensões Mundiais*, [S. l.], v. 20, n. 44, p. 143–166, 2024. DOI: 10.33956/tensoesmundiais.v20i44.11726. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/11726>. Acesso em: 17 jan. 2026.